



ISSN 1981 - 3031

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: TRABALHANDO A ORALIDADE E A ESCRITA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Joseth da Silva (UFAL)

RESUMO:

Este artigo tem por temática o uso das tecnologias no cotidiano escolar numa perspectiva de melhorar o desempenho do ensino/aprendizagem. O trabalho foi realizado em uma classe do 7º ano do ensino fundamental dando ênfase a variação lingüística local e contando com o uso de computadores, projetor de multimídias e gravadores. Inicialmente, fizemos uma introdução sobre variação lingüística levando os alunos a refletirem sobre a língua coloquial utilizada por uma determinada classe de falantes. No segundo momento, demonstramos como trabalhar de forma prazerosa com os textos produzidos pela comunidade. O projeto demonstrou que a valorização desta temática aliada à utilização das Tecnologias da Comunicação e da Informação traz bons resultados, além de ser de grande aceitabilidade entre os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: recursos tecnológicos; variação lingüística, ensino-aprendizagem.

1. Introdução

O presente artigo se baseia na experiência pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Ciridião Durval situada no município de Porto de Pedras, litoral norte do estado de Alagoas, durante o ano letivo de 2009, onde se fez uma reflexão sobre as diversas variações lingüísticas e o ensino de Língua Portuguesa, levando em consideração o uso de recursos multimidiáticos no ambiente escolar como suporte metodológico.

Tendo em vista a variação da língua materna nos vários aspectos do cotidiano de um determinado grupo de falantes, como os contos produzidos oralmente, os ditos populares, a entonação na pronúncia de algumas palavras, entre outros falares e a forma como é conduzida as atividades em sala de aula, a proposta do projeto teve como objetivo abordar a questão da variação lingüística presente na comunidade local sem desvalorizá-la à medida que são trabalhadas as questões da língua padrão.



ISSN 1981 - 3031

Desenvolvido em uma classe do 7º ano do ensino fundamental, o projeto teve a participação de alunos e o envolvimento de professores de História e de Arte, além da coordenadora pedagógica e direção. A princípio não achava pertinente a participação dos demais professores aqui citados, uma vez que era minha intenção trabalhar a oralidade e a escrita, e para isso entendi que era tão somente necessária a disciplina Língua Portuguesa e Arte. Porém, com o aprofundamento do conteúdo, um conhecimento em História foi-se tornando necessário, visto que estávamos trabalhando com situações de épocas e fatos relacionados a acontecimentos. A integração de Arte está relacionada à ênfase que foi dada a questões da cultura local, visto que a arte na escola situa o fazer artístico do aluno, com fatos culturais, históricos, entre outros. Como também o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza, e nesse contexto, a realidade da sua cidade é o que está sendo trabalhado.

2. A importância do trabalho com a variação lingüística na escola e o uso das tecnologias da informação e da comunicação

Sabemos que a Língua Portuguesa no Brasil tem uma variação sem limites, isso ocorre por ser a língua um fato social e todo falante tem autonomia no seu uso. São muitos os aspectos que envolvem cada situação, como por exemplo: classe social, idade, sexo, e principalmente contexto social. Por isso, não podemos falar de língua sem deixar de falar de suas variações. Faz-se necessário encarar a variação lingüística como fato real, presente no dia-a-dia das pessoas, onde os indivíduos pertencentes à mesma comunidade se fazem entender, como demonstra Lima - Hernandez: (2004, p. 124):

[...] as várias camadas etárias compreendem-se porque integram uma mesma comunidade, num mesmo espaço, num mesmo tempo. [...] já que o contexto



ISSN 1981 - 3031

é parte substancial da mensagem transmitida, essa constatação é óbvia nos usos mais rotineiros das pessoas [...]

Travaglia (2006) prefere usar o termo *variedade*, por entender que tal denominação coloca num mesmo nível todos os tipos de variação ao contrário do termo *variante* por parecer dar idéia de que existe uma forma de língua que é central, típica, melhor, e que as demais são variações dela. Analisando por esse ângulo pode-se dizer que é frágil a argumentação a favor da existência de uma única linguagem padrão (norma culta). Nossa sociedade dissemina o problema do preconceito em relação às falas dialetais que deveriam ser enfrentados como parte do objetivo educacional mais amplo para o respeito à diferença. Porém, muitas vezes a própria escola é quem difunde essa idéia, fazendo da não aceitação às variações, uma defesa do ensino de qualidade. Cagliari confirma essa prática presente em algumas escolas quando destaca: (2007, p.77) “A escola como representante da sociedade, costuma incorporar esses preconceitos, mesmo sem ter consciência do fato”. No entanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 33) orientam que a escola esteja atenta à manifestação deste preconceito:

A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar _ a que se parece com a escrita _ e o de que a escrita é o espelho da fala _ e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Tal concepção contribui para que o valor de uma cultura em detrimento de outra aconteça, sendo este fato direcionado mais especificamente a linguagem, que se dá pela introdução do ensino da norma padrão da língua. A citada situação se concretiza no ato de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, não reconhecendo que a escrita de uma língua não corresponde a nenhum de seus dialetos, por maior que seja seu prestígio em dado momento histórico.

À medida que trabalhamos a leitura e a escrita a partir de uma perspectiva do letramento, temos como ponto de partida um processo de ensino-aprendizagem que vai a



ISSN 1981 - 3031

busca das questões culturais, das diversas situações de comunicações e assim nasce a necessidade de interação que acontece entre o conhecimento trazido pelo aluno e o conhecimento novo apresentado pela escola. É função da escola fazer essa mediação. Segundo Soares (2004, p.10):

[...] acontece quando o sujeito é capaz de progressivamente (re) construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material “para ler”, não com material artificialmente produzido para “aprender a ler”[...]

Introduzir o novo, ou seja, um suporte pedagógico tecnológico pode ser considerado algo comum no dia-a-dia às nossas aulas, de certa forma é fácil, porém, é preciso pensar como usar tais recursos, planejar e adaptá-los às atividades requer atenção, assim como o domínio básico exigido. Entretanto, diante da complexidade da realização dessa intervenção se fazia necessário o uso do computador, gravador, projetor de multimídias, entre outros e com base na afirmação de Kenski (1997 p.66) vemos a informação que o aluno assume o papel de *pesquisador* interagindo com o conhecimento através dos mais diferenciados recursos multimidiáticos. Dessa forma o aluno aprende por *descoberta* e ao professor cabe um encontro final com o aluno, para “ordenar” os conhecimentos apreendidos nos outros espaços do saber. Segundo Porto (2006, p.55)

Numa pedagogia da comunicação, a reflexão sobre temas do cotidiano discente e a construção de elementos expressivos de sua cultura – produzida com e através dos meios de comunicação – desenvolvem no sujeito uma compreensão mais elaborada e conscientizada sobre a realidade.

Portanto, a utilização dos recursos tecnológicos de comunicação é de suma importância no trabalho apresentado. Trabalhar questões da oralidade e dispensar os meios tecnológicos de



ISSN 1981 - 3031

comunicação tão usados pelos discentes é desprezar uma ferramenta que só tem a contribuir. Percebe-se através da dinâmica das atividades a interação proporcionada ao aluno ao interagir utilizando-se delas, construindo o aprender, ou seja, promovendo a aprendizagem. Como nos faz entender os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 17):

A nova realidade social, conseqüente da industrialização e da urbanização crescentes, da enorme ampliação da utilização da escrita, da expansão dos meios de comunicação eletrônicos e da incorporação de contingentes cada vez maiores de alunos pela escola regular colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais.

Nessa perspectiva acreditamos que o uso da tecnologia, mais precisamente o computador, permite uma dinâmica que vem ajudar os processos de ensinar de forma prazerosa tanto para o aluno como para o professor. De acordo com Mercado (2004, p.23):

A tecnologia permite uma nova linguagem para enfrentar a dinâmica dos processos de ensinar e de aprender. A linguagem da tecnologia informática contempla, com maior ênfase, a capacidade de aprender novas habilidades, de assimilar novos conceitos, de avaliar novas situações, de lidar com o inesperado, exercitando a criatividade e a criticidade.

Diante da possibilidade de que o uso das tecnologias novas ou velhas seja um desafio a maioria dos docentes, pois além da importância do professor dominar as técnicas, o mesmo deve estar apto a construir o processo com o aluno, que na maioria das vezes já se apropriou dos recursos tecnológicos e usam-no com conhecimento, muito embora, não sabendo utilizá-lo no contexto educacional. Percebe-se que esse conjunto de ferramentas abre um leque de



ISSN 1981 - 3031

saberes, que devem ser aproveitados pelo professor, pois se trata de um potencial de grande aceitabilidade entre os estudantes.

3. A unidade educacional

A Escola Estadual Ciridião Durval está situada em Porto de Pedras, município do litoral Norte do Estado de Alagoas, com uma distância de 110 km da capital Maceió, área de 189 km² e contando com uma população de aproximadamente 10.558 habitantes. A economia pertence ao setor primário, uma vez que Porto de Pedras é dotado de um solo fértil, indo buscar suas principais fontes de renda nos densos e verdejantes coqueirais plantados em todo o litoral. O artesanato é bastante influente também, temos diversos artesãos que têm como base de seus produtos a madeira onde são esculpidos peixes, pássaros, produtos ornamentais etc.; cacos de coco onde são entalhados objetos de decoração e bijuterias; os fios de cachos de cocos, que trançados prestam-se à fabricação de diversas peças utilitárias e ornamentais, como cestos, abajures, figuras de animais domésticos, que servem como suportes para flores, frutas, alimentos; já a partir da palha de ouricuri com sua fibra flexível e resistente, é trabalhada depois de seca e serve para a confecção de esteiras, bolsas, chinelos, tapetes, redes, cestas, sacolas, cachepôs, estandartes, descansos para pratos e travessas etc. Dessa forma percebe-se todo um acervo de uma linguagem própria mantida pela força da expressão cultural. A pesca, ainda rudimentar, faz parte da economia do município. O comércio é fraco e não existe um mercado ou feira livre, por isso é preciso que muitas pessoas façam suas compras nas cidades vizinhas e/ou capital - Maceió. A fonte de renda de maior representatividade é a prefeitura e o povo está acostumado ao assistencialismo, buscando apoio em ajuda de alimentos, medicamentos, entre outras carências de primeira necessidade. A área urbana dispõe de uma escola de ensino médio e três do ensino fundamental, uma creche de uma de educação



ISSN 1981 - 3031

infantil. A área de atuação da referida escola é de ensino fundamental I e II, como também do ensino médio. A turma escolhida para a realização do projeto foi o 7º ano, composta de 24 alunos, com idades entre 12 e 14 anos, quase todos apresentavam dificuldade de leitura e escrita, pelo fato de terem passado o ano anterior, o primeiro semestre e início do segundo semestre sem professor de Língua Portuguesa. O desafio em trabalhar fazendo uso dos recursos tecnológicos ora apresentados no projeto, se fazia necessário na referida turma, e a proposta resgatou o interesse e a motivação de todos.

4. O desenvolvimento do projeto

Partindo do objetivo geral do projeto que é a reflexão do uso coloquial da língua tendo como suporte metodológico a inserção do uso dos recursos midiáticos à prática pedagógica, as etapas das atividades foram sendo realizadas conforme o cronograma estabelecido. O estudo da língua materna nos remete ao conhecimento histórico acerca da evolução da língua falada e escrita, e por ser um ponto de muita reflexão no campo educacional se fez necessário um estudo voltado para esta questão.

Trabalhar a língua falada pode ser um tema prazeroso para os alunos, desde que esse estudo seja dinâmico, que leve o aluno a refletir, a pesquisar e chegar as suas conclusões acerca de determinado assunto. A escolha do tema se deu pelo fato de perceber que tanto na sala de aula como nas dependências da escola nos contatos entre alunos existe um repertório de textos utilizados entre eles que são desprezados pela escola, que tais textos nunca estiveram no plano da escrita dos alunos. Muito embora alguns desses textos sejam passados de pais para filhos, são contados obedecendo ao mesmo universo de palavras, algumas



ISSN 1981 - 3031

desconhecidas por eles, mas usadas *nos textos* sendo que não há registro de nenhuma situação na referida escola sobre essa cultura.

Tendo em vista essa constatação seguiram-se as indagações: O que nossos alunos pensam sobre esse acervo cultural falado? Como abordar esse tema sem que seja visto apenas como um mero passatempo? Como torná-lo interessante de ser trabalhado? Que metodologia usar? Que possibilidades haverá em fazer uso de alguns recursos tecnológicos e da mídia para torná-lo prazeroso e dinâmico? Diante de tais questões foram surgindo os canais que levariam as respostas, as possibilidades e as dificuldades analisadas. Como enfatiza Ponte (2000 p77):

“As TICs proporcionam uma nova relação dos atores educativos com o saber, um novo tipo de interação do professor com os alunos, uma nova forma de integração do professor na organização escolar e na comunidade profissional”.

E nessa perspectiva apresentei o projeto à escola, uma vez que já tinha instigado a curiosidade dos alunos. Mobilizar a classe foi algo que aconteceu naturalmente, com aceitação da turma e incentivo da coordenação e direção, fomos realizando passo a passo cada estágio da atividade.

Usar os computadores não é tarefa fácil em uma escola onde os professores não estão habituados, ou ainda, não estão de fato preparados para lidar com a diversidade de competências, isso se percebe em situações como: enquanto alguns alunos têm habilidade em mexer nas máquinas, outros não têm, e esse é um fator difícil de controlar, uma vez que todos devem usar os computadores. Apesar de não termos um técnico disponível em como controlar as possíveis dificuldades de realizar um trabalho com as máquinas, a alternativa mais viável foi contar com a ajuda dos colegas disponíveis no momento (coordenadora pedagógica, diretor adjunto, vigias).



ISSN 1981 - 3031

O outro recurso de primordial importância foi o gravador (recurso disposto nos celulares dos estudantes). Ao serem ouvidos contos (lendas da cidade) tiveram a idéia de gravar, pelo fato de que no início da realização da tarefa, houve divergência de opiniões quanto ao fato contado, por haver mais de uma versão com alguns pontos diferentes. E sendo assim, esse recurso foi utilizado pelos próprios estudantes responsáveis pela atividade. Dessa forma embora não estivesse previsto, percebemos que é esse o caminho de formar o aluno para os dias atuais. Utilizar os meios tecnológicos, os quais usam em seu cotidiano para aprimoramento da aprendizagem, adequando-o a busca, a pesquisa.

O projetor de multimídias (data show) se fez necessário desde o início, foi o que mais demoramos a usar, não estava disponível sempre que precisávamos, sendo que foi necessário fazer um calendário de utilização e apresentar à secretaria da escola para que ficasse disposto nos dias em que a turma faria a utilização do mesmo. A função de reescrita de texto, no quadro de giz é muito demorada, vindo a ser indispensável o uso do projetor. À medida que se colocava os textos digitados, naturalmente eram feitas as correções e adaptações sugeridas com a participação da sala em geral.

O uso do computador conectado à internet também foi um recurso que chegou na hora certa. Logo em seguida ao início do desenvolvimento do projeto a escola foi contemplada com o provedor e foi de grande utilidade fazer as pesquisas que estavam relacionadas às atividades.

A primeira etapa do projeto se deu com as atividades desenvolvidas pelas equipes, onde pesquisaram sobre: lendas, ditos populares e superstições. Através dos referidos temas foram desenvolvidas atividades de pesquisas e reflexão sobre a variação lingüística usada nesses temas, dentro da comunidade de falantes pertencentes os estudantes. Feita a subdivisão da turma foram organizadas de forma que os temas distribuíssem-se por:



- As lendas mais conhecidas da cidade – A equipe responsável por uma pesquisa entre os moradores, selecionando as lendas, onde as pessoas contam oralmente, ou seja, dando prioridade as de referência locais.

As atividades desenvolvidas nessa etapa foi a de digitar os textos, ou seja, transcrever o conto da maneira como foi transmitido, fazendo os pequenos ajustes de texto falado em texto escrito. Para isso foi feito um trabalho em dupla, onde um ditava enquanto o outro digitava.

Com a proposta da atividade lançada, minha intenção era que houvesse a interação entre os alunos, de forma que quando surgiam as dúvidas quanto à escrita de algumas palavras, podiam ser feitas pesquisas em livros ou na própria internet. Dessa forma a sala de informática foi de primordial importância, uma vez que se tornou fácil a realização da escrita e da revisão de textos.

Figura 1 e 2 - Alunos do 7º ano digitando os textos



ISSN 1981 - 3031



Figura 1



Figura 2

A conclusão dessa atividade não aconteceu como o previsto, visto que o objetivo seria um livro produzido na escola. Os textos foram digitados e as gravuras foram feitas pelos próprios alunos de acordo com o tema, mas não foram impressos, a escola não dispõe de uma impressora.

Figura 3 Alunos realizando as atividades em dupla



ISSN 1981 - 3031



- Os ditos populares – A equipe responsável por pesquisas sobre os ditos locais, o palavreado da população, os temas corriqueiros, baseados em algum acontecimento, ou criados por algum falante. Exemplos:

“Pimenta nos olhos dos outros é refresco.”

“Com banana e bolo se enganam os tolos”

“Saco vazio não se põe em pé”

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”



ISSN 1981 - 3031

Nessa atividade, assim como na atividade anterior, a proposta foi a pesquisa de ditos populares, e o que conseguiram foi um material riquíssimo sendo trabalhado a função morfosintática das palavras, ou seja, a sua forma interna, uma vez que para isso ficaram expostas no projetor de multimídias, que é uma forma bem chamativa, dispostas em letras grandes e cada aluno falava sobre cada um desses ditos, falando sobre o significado apresentado pela pessoa que o contou. A intervenção nessa atividade foi a de como usar certas palavras, os diversos significados que uma palavra pode ter dependendo da situação dita pelo falante.

Embora seja fácil falar sobre um tema tão popular como os ditos populares, visto o nível intelectual da turma, o fato de ter que apresentar usando uma tecnologia desse porte deixou-os tímidos, mas com o decorrer das apresentações foram ganhando confiança.

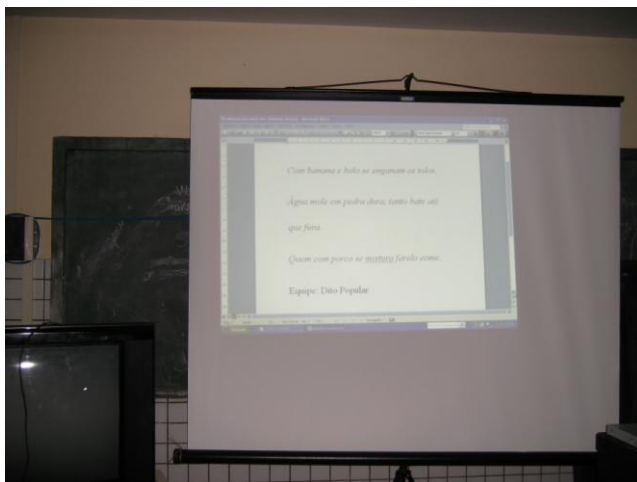


Figura 4 – texto sendo trabalhado

As superstições – a equipe responsável pela pesquisa dentre os habitantes sobre as superstições que mais se identifica com os moradores, ou seja, algumas conhecidas no Brasil inteiro, mas que com palavras diferentes e até os sentidos podem ser diferentes.



ISSN 1981 - 3031

Trabalhar essa atividade foi algo prazeroso tanto para mim quanto para os alunos envolvidos. Envolver as questões culturais é muito mais complexo na prática. A partir da realização da atividade em colher as informações junto a comunidade local, a segunda etapa da equipe designada foi construir uma tabela com: idade: sexo e série e entrevistar cada aluno que estudam no mesmo turno, incluindo as demais séries e verificar o grau de conhecimento acerca das superstições pesquisadas em campo. A intenção foi envolver a todos quanto a esse tema *superstições* e para isso, os alunos tiveram que fazer um gráfico no laboratório de informática para anotar os resultados. E através dos dados colhidos traçaram um perfil do alunado da escola quanto ao conhecimento acerca das superstições. Como vemos na figura 2, o momento da construção do gráfico foi envolvente, pois nessa hora a troca de informações entre as duplas foi intensa, e percebe-se que o aluno aprende mais uns com os outros errando e acertando, ao invés de só recebendo informações prontas. A tarefa demorou mais tempo que o previsto, pelo fato da dificuldade de alguns alunos por estarem usando uma ferramenta diferente das que estavam acostumados, que é a tabela. Dando continuidade em outro dia a tarefa foi concluída. Alguns alunos precisaram de informações sobre representações de quantias através das tabelas, porém, com o envolvimento de todos ficou mais fácil a compreensão.

Figura 5 - Alunos construindo um gráfico, com a ajuda do diretor adjunto



ISSN 1981 - 3031



Considerações finais

Ao desenvolvermos reflexões sobre as possibilidades de usarmos os meios tecnológicos como suporte metodológico nas práticas pedagógicas do cotidiano escolar, estamos contribuindo de certa forma para a busca de novas alternativas na atividade docente. No trabalho ora apresentado neste artigo vemos que o desafio maior está em como adequar os suportes tecnológicos às atividades em sala, pois é fundamental que seja reconhecido o instrumental da tecnologia alternativa, ou seja, a que se encontra disponível no ambiente escolar como técnica de intervenção interdisciplinar e que estabeleça uma relação com a realidade do aluno, mais especificamente é preciso pensar e contar com as possibilidades e



ISSN 1981 - 3031

com os desafios, levando sempre em consideração as limitações e as potencialidades de cada ser humano.

O desenvolvimento da atividade foi proveitoso, uma vez que foi desenvolvido um trabalho visando a melhoria da escrita e oralidade valorizando os textos produzidos em um determinado contexto, abrindo possibilidades do professor refletir que nenhum modo de falar, por mais diferente que seja pode ser discriminado, tendo em vista que a língua portuguesa é moderna e dinâmica e seus vários modos de expressividade nascem de uma necessidade coletiva ou até mesmo individual. E dessa forma nasce a possibilidade do aluno refletir sobre esses falares, analisando o que pode ser escrito e o que pode ser falado.

A realização deste projeto nos possibilitou identificar a nossa atuação através da reflexão sobre cada passo dado e conseqüentemente dos resultados obtidos e nessa perspectiva avaliamos os pontos positivos e os que precisam ser melhorados. Considerando a relevância deste estudo, no processo de repensar a atuação dos docentes e discentes afirmamos a importância dos recursos tecnológicos - sabendo que estes estão em estado de permanente atualização - como estratégia de intervenção na socialização dos conhecimentos e da informação.

Referências

- BRASIL. SEF/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*: Brasília, 1998.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & lingüística: Pensamento e ação no Magistério*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2007.
- KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Revista brasileira de educação*, n. 8, p.66, 1997.



ISSN 1981 - 3031

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A dimensão social das palavras In.: SILVA, Luiz Antonio da (org.) *A língua que falamos: Português, história variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.) *Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação*. Maceió: EDUFAL, 2005.

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *revista ibero americana*, n. 24, p. 76, 2000.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. *Revista Brasileira de Educação* v. 11, n. 31 p. 55, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 10, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo, SP: Cortez, 2006.